Os gaps, quando o preço salta e deixa vazios no gráfico

De todos os comportamentos que se observam num gráfico, poucos geram tantas perguntas e opiniões divergentes como os gaps. Basicamente, são aqueles momentos em que o preço não se move de forma contínua, mas sim salta, deixando um espaço visível entre um preço e outro. Muitos principiantes estão habituados a ver o preço percorrer cada nível do caminho, vela após vela, e de repente deparam-se com o facto de o gráfico ter passado de um preço para outro sem transitar pelo que estava no meio. Daí surgem as perguntas: porque é que o meu gráfico tem um salto? Porque é que abriu tão longe de onde fechou? Porque é que não houve sequer um recuo enquanto ocorria a vela gigante, como costuma acontecer? Então, neste documento vou explicar, sob a minha perspetiva, o que é realmente um gap, principalmente como se visualiza, e que nem todos os gaps nascem da mesma origem. Não existe uma única explicação que sirva para todos: existem gaps de abertura de mercado, gaps com o mercado aberto provocados por dados económicos fortes, e gaps produzidos por movimentos de participantes fortes sem qualquer dado pelo meio. Cada um possui as suas características distintas, e conhecer essas diferenças permite lê-los melhor para a operativa e incluí-los numa análise séria.

Começo pela definição em si: um gap é uma descontinuidade no preço, um salto entre o último preço negociado e o seguinte, sem transações registadas nos níveis intermédios. O preço de qualquer ativo existe apenas onde houve transações; se o ouro cotava a 4100 e a transação seguinte foi a 4130, entre esses dois preços não aconteceu nada, não houve intercâmbio, não existiu preço aí, e o gráfico reflete-o exatamente assim, com um espaço vazio, como se tivesse saltado a ponte e chegado ao outro lado sem a percorrer. No que respeita à sua visualização, depende do momento e da temporalidade que se esteja a observar: na maioria das vezes, o salto fica dentro do intervalo de uma vela em formação, observando-se uma vela que se estica subitamente — por exemplo, uma vela verde enorme que percorreu em segundos o que normalmente demoraria muito mais tempo. Aí, o espaço vazio fica dissimulado dentro do corpo da vela, embora a execução interna tenha saltado níveis. Contudo, noutras ocasiões, o salto ocorre entre o fecho de uma vela e a abertura da seguinte, e aí o salto fica limpo: a vela nova abre longe de onde fechou a anterior e entre ambas fica um espaço onde não há nada desenhado, saltando literalmente. Esse espaço vazio é o gap na sua forma mais visível, sendo apreciado com total clareza em temporalidades pequenas, ao passo que em temporalidades grandes muitos gaps ficam ocultos dentro de velas mais amplas. É por isso que duas pessoas a olhar para o mesmo ativo podem ver o mesmo evento de formas distintas: uma vê um salto em M1 e a outra vê apenas uma vela longa. Em seguida, vou mostrar dois exemplos breves em fotografia de um gap em forma de vela e de um gap em forma de salto para complementar o que estou a dizer, embora não o costume fazer; contudo, se este PDF receber muito apoio e bastantes reações, começarei a adicionar fotografias nos exemplos do que ensino nestes documentos.



Aqui aprecia-se a forma mais comum do gap: a vela extendida. O preço vinha no seu estado normal, com velas de tamanho comum e recuos constantes a preencher cada movimento, e de um momento para o outro uma única vela percorre de golpe o que normalmente demoraria muitas velas, sem deixar um espaço visível desenhado, porque o salto fica contido dentro do corpo da vela. Os níveis intermédios ficaram por negociar, embora o gráfico pareça contínuo, e o sinal que o confirma encontra-se no recuadro: esse espaço não foi preenchido no recuo de maneira eficiente, como sucede com as subidas do mercado em estado normal. O preço continuou a operar acima sem regressar para trabalhar esse percurso, e inclusive as velas baixistas próximas (as mais acima antes do gap) ficaram intocadas. Quando um movimento dessa envergadura não recebe uma correção proporcional, não estamos perante uma subida comum, mas sim perante um gap em forma de vela produzido por argumentos e participantes fortes.



Aqui aprecia-se o gap na sua forma mais visível: o salto com espaço vazio, formado na abertura semanal. O mercado fechou a um determinado preço e, ao reabrir, fez-o longe desse fecho, sem negociar nenhum dos níveis intermédios, porque enquanto o mercado esteve encerrado o mundo continuou a girar, acumularam-se decisões e o ativo real prosseguiu o seu desenvolvimento. Assim, a abertura não tem a obrigação de ocorrer onde o fecho ficou, mas sim onde a nova realidade de transações a colocar. Toda a área do recuadro fica como um gap — ou, noutros termos, o que se conhece como um *imbalance* do preço —, um espaço onde não existiu qualquer intercâmbio. Neste caso, a abertura foi amortecida, o mercado absorveu-a sem violência adicional e, posteriormente, o preço continuou a cotar com total normalidade. Este é o tipo de gap mais natural de todos; não tem nada de estranho nem de misterioso, sendo apenas o resultado de o tempo continuar a decorrer enquanto o gráfico estava detenido, acumulando movimentos que, ao abrir, foram processados de uma só vez, causando o salto.

Vou agora abordar aquilo que realmente importa nesta aula: a origem. O erro comum consiste em acreditar que todos os gaps são a mesma coisa com a mesma causa, quando na realidade são fenómenos distintos que partilham apenas a aparência. O primeiro tipo é o **gap de abertura de mercado**, o mais conhecido de todos, e para o compreender é necessário ter presente o que acontece realmente enquanto o mercado está encerrado: o ativo em si não se está a mover, mas existe tudo o que ficou pendente, a pressão que não se libertou na sexta-feira e ficou acumulada, as transações que os participantes de maior dimensão vão fechando pelos seus próprios canais fora do horário comum, e as ordens que ficaram programadas a aguardar a reabertura, além de ordens OTC que não necessitam do mercado aberto. Portanto, quando chega a abertura, tudo isto executa-se de imediato no primeiro instante, inclusivamente antes de as plataformas conseguirem imprimir o primeiro preço, razão pela qual a abertura não tem nenhuma obrigação de se dar onde o fecho ocorreu, materializando-se onde toda essa execução acumulada a posicionar. Se o pendente fosse suficiente

para deslocar o preço, a primeira cotação aparece longe do fecho anterior e aí fica o hueco de segunda-feira que tantos conhecem. Este tipo de gap com salto é o mais habitual de todos, repetindo-se com muita frequência nas aberturas semanais.

O segundo tipo é o **gap com o mercado aberto provocado por um dado económico forte**, e aqui aplico o que sempre ensinei sobre os dados: quando se publica uma cifra importante — uma inflação, um relatório de emprego (NFP), uma decisão de taxas —, o preço salta muitas vezes dezenas de pips num instante, e a explicação típica atribui o movimento ao dado. No entanto, o que realmente acontece é que a dinâmica de mercado utiliza esse dado como desculpa para executar um movimento com uma violência que, em condições normais, chamaria demasiado a atenção. No momento da publicação, a execução concentra-se numa única direção com tanta velocidade que os níveis intermédios simplesmente não alcançam a ser negociados; o preço passa por cima deles e o resultado é um salto com o mercado completamente aberto, sem fecho pelo meio. A vela do minuto da notícia estica-se de súbito ou deixa diretamente o espaço visível, consoante a temporalidade. Este tipo de gap tem uma característica distintiva: é programado, sabendo-se o dia e a hora exata em que pode ocorrer, dado que o calendário económico está publicado. Contudo, no meu entender, embora o considere um gap devido à sua aparência visual, se o analisarmos profundamente a nível interno já não o é tanto, pois embora uma vela aparente a forma de gap, internamente e em poucos segundos o preço esteve a cotar pelos níveis saltados em muitos casos, ainda que no gap final isso não se note. Em suma, estes gaps quase nunca se apresentam em salto e caracterizam-se por serem velas gigantescas associadas ao IPC, à FED, às NFP, ao PMI ou a algum evento geopolítico extremo.

E o terceiro tipo é o que menos se explica em qualquer parte: o **gap produzido por movimentos de participantes fortes sem qualquer dado pelo meio**. Existem saltos que surgem em momentos onde não há calendário, não há notícias, não há nada publicado que sirva de explicação; simplesmente, o preço estava a desenvolver-se com normalidade e, de um momento para o outro, executou um deslocamento tão veloz que deixou níveis por negociar. Estes são os gaps que mais incomodam as pessoas, porque não possuem uma desculpa visível à qual recorrer, mas a explicação reside naquilo que sempre afirmei sobre quem move o preço: quando um participante de dimensão real decide executar ordens sobre o ativo, o preço desloca-se de acordo com essa execução e, se essa execução for ampla e veloz, o deslocamento deixa níveis por negociar, independentemente de não existir nenhum título mediático a acompanhá-lo. Estes saltos sem notícias contam-se entre os comportamentos mais honestos que um gráfico exibe, pois mostram o mercado a mover-se pela sua verdadeira causa, sem o adorno de uma desculpa por cima, desmentindo categoricamente a ideia de que o preço necessita de notícias para se mover com força. O preço não precisa delas; usa-as quando estão disponíveis e, quando não estão, move-se seguindo a mesma dinâmica especulativa, ainda que com um pouco mais de lentidão.

Com os três origens explicadas, deixo algumas características gerais que se aplicam aos saltos. A primeira é que **o gap não se pode operar por dentro**: nesse espaço não existiram transações; se alguém mantinha uma ordem pendente num nível que ficou situado dentro do hueco, essa ordem executa-se no primeiro preço disponível do outro lado do salto e não no nível exato que tinha definido, aplicando-se o mesmo princípio às proteções de posições abertas. Um salto pode fazer com que a

saída do *stop loss* ocorra muito para além do nível estabelecido, porque o preço pura e simplesmente nunca passou por ali. Isto não constitui qualquer falha técnica, mas sim a consequência natural de o preço existir apenas onde há intercâmbio. A segunda é o famoso ditado de que **os gaps fecham sempre** — a ideia de que o preço, mais tarde ou mais cedo, regressa para preencher o espaço —, sobre o qual deixo a minha posição: muitos gaps acabam efetivamente por ser visitados e preenchidos na sua totalidade, mas não porque exista uma lei que obrigue o preço a inverter a marcha. O preço regressa a essas zonas quando o desenvolvimento do mercado tem motivos para voltar lá e, se não os tiver, o espaço pode permanecer aberto durante semanas, meses ou para sempre. Quem opera na expetativa do fecho do gap como se de uma regra garantida se tratasse está a operar com base numa crença e não num comportamento estatístico do mercado; já vi muitos gaps que acumulam anos e anos sem fechar, seja em metais, bolsas ou divisas. A terceira característica é que **o tamanho do gap denota a seriedade do que o originou**: um salto pequeno na abertura de uma segunda-feira qualquer é mera rotina, ao passo que um gap considerável em termos percentuais na abertura semanal já indicam múltiplos fatores, entre eles dinâmica de mercado executada, eventos externos, liquidações, etc. Um salto expressivo em plena sessão, sem dados pelo meio, constitui a pegada de uma execução de dimensão real, e aprender a diferenciar o típico de um movimento sério permite antecipar com maior precisão se será facilmente fechado ou não.

Fica assim coberto o tema dos gaps: o que são (a descontinuidade do preço onde não houve transações), como se visualizam (desde a vela que se estica até à vela que salta deixando o espaço limpo) e as suas respetivas origens distintas. Desta forma, dou por encerrado este documento, que encerra bastante valor, esperando que o apoiem com as vossas reações.